

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Memória coletiva e identidade dos veteranos da Associação Brasileira de ex-Integrantes
do Batalhão Suez – Rio Grande do Sul (1984-2013)

Camila da Silva Ramalho

Orientador: Prof. Adolar Koch

Porto Alegre, dezembro de 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Camila da Silva Ramalho

Memória coletiva e identidade dos veteranos da Associação Brasileira de ex-Integrantes
do Batalhão Suez – Rio Grande do Sul (1984-2013)

Trabalho de Conclusão de Curso de História
apresentado ao Departamento de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para a obtenção do grau
de licenciado em História.

Orientador: Prof. Adolar Koch

Porto Alegre, dezembro de 2013.

AGRADECIMENTOS

Agradecer: mostrar, demonstrar gratidão segundo o Aurélio. Gratidão tenho muita, a muitas pessoas, em muitos momentos de minha vida. Ao deixar essas linhas de agradecimentos as “minhas pessoas” me deparo com certo medo... Medo de esquecer alguém importante, em algum momento da vida...

Agradeço aos meus pais, Salmeron e Sidelma, que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida. Ao meu irmão, Renan, que sempre me apoiou e incentivou durante minha trajetória.

Agradeço também ao meu namorado, Wagner, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades durante os anos de graduação. Obrigada pela paciência, pelo incentivo, pela força e principalmente, pela dedicação e compreensão.

Ao professor Adolar Koch pela paciência na orientação, incentivo e presteza no auxílio às atividades e discussões que tornaram possível a conclusão desta monografia. Por confiar no meu trabalho, me mostrar os caminhos da pesquisa e despertar o desejo de continuar trilhando esse caminho. Muito obrigada pela oportunidade de trabalhar com você.

Um agradecimento especial aos Boínas Azuis do Batalhão Suez: Sr. Adolfo Camerino Texeira de Oliveira (Dodô, 13º) agradeço as inúmeras conversas, que acabaram por servir de inspiração à realização do trabalho, e fonte riquíssima de informações pessoais e materiais. Do mesmo modo, não posso deixar de mencionar os Srs. Wilton Mello Garcia (20º), Amâncio Aranha Pinto Dias (5º) e Alfredo dos Santos Filho (5º, presidente da ABIBS/RS) que gentilmente me atenderam para diversas conversas, e foram inestimáveis fontes de histórias e relatos pessoais a respeito de suas participações como integrantes da UNEF I. E a todos os integrantes da ABIBS/RS que se prontificaram a esclarecimentos sobre a história do Batalhão Suez. Muito Obrigada!

Aos meus colegas que compartilharam de momentos importantes durante estes quatro anos e principalmente a Maria da Graça que tem dividido as correrias de cada semestre, deixando-os mais leves com a sua companhia. E a todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.

SERÁ QUE VALEU A PENA?

*Será que valeu a pena
Deixar a vida serena
Que vivi no meu país ?
Para lutar no deserto
Pela paz que acho certo
E expor o peito aos fuzis?*

*Será que valeu a pena
Olhar toda aquela cena
De total destruição?
Amortecer a minha mente
Ficar velho derrepente
Com pedras no coração?*

*Será que valeu a pena
Ficar com a pele morena
De tanto sol recebido?
Apartar aquela gente
Que em nome de Deus. comumente
Praticam o que é proibido?*

*Valeu a pena acredito,
Mostrar ao povo do Egito
E do outro lado os judeus,
Que um pedaço de terra
Não pode levar a guerra,
Dois povos filhos de Deus.*

*Mas por lá é diferente,
No Egito, precisamente
No deserto do Sinai,
A Lei quase não existe,
Apenas um dedo em riste,
Ordena e um corpo cai.
Mais de um milhão de soldados
Todos eles empenhados
Na paz do Planeta Terra,
Mas tem mais de dez milhões
Apontando seus canhões
Tentando fazer a guerra*

*Só ha uma solução,
P'ra que tenhamos namão
A paz sem nenhum regresso.
E investir na criança,
Fazer dela uma esperança
P'ra que a paz seja um sucesso.*

RESUMO

Este trabalho busca analisar os aspectos relativos à memória coletiva dos brasileiros que integraram a primeira Força de Paz da ONU, enviada para a região do Oriente Médio devido aos conflitos existentes com o intuito de manter a paz após a Guerra do Sinai em 1956, entre Egito e Israel. Estes militares permaneceram nesta região até a deflagração da Guerra dos Seis dias, 1967, com o fim da missão retornaram para o Brasil trazendo consigo experiências que marcam suas vidas até hoje. Este Batalhão de Infantaria enviado para a missão foi denominado desde a partida do primeiro contingente como Batalhão Suez, devido à região que iriam permanecer no Oriente Médio. Desta forma, buscou-se entender os elementos simbólicos produzidos pelos veteranos a fim de investigar os vínculos identitários deste grupo social a partir do estudo das ações da Associação Brasileira de ex-Integrantes do Batalhão Suez com sede em Porto Alegre. A História Oral foi um elemento fundamental para a realização deste trabalho que contou com diversos depoimentos e três entrevistas com ex-integrantes do Batalhão Suez, metodologia essencial para a compreensão dos aspectos propostos devido ao discurso identitário dos integrantes da associação estudada.

Palavras-chaves: Batalhão Suez; Força de Paz da ONU; memória; História Oral; História Militar; UNEF I.

ABSTRACT

This work seeks to analyze aspects related to collective memory of Brazilians that have integrated the first UN peacekeeping force, sent to the Middle East region due to existing conflicts with the purpose of maintaining peace after the Sinai War in 1956, between Egypt and Israel. These soldiers remained in the region until the outbreak of the six day war, 1967, with the end of the mission returned to Brazil bringing experiences that mark their lives until today. This infantry battalion sent to the Mission has been called since the departure of the first contingent as Battalion Suez, due to the region that would remain in the Middle East. In this way, sought to understand the symbolic elements produced by veterans in order to investigate the identity of this social group links from the study of the actions of the Brazilian Association of former Suez Battalion based in Porto Alegre. Oral history was an essential element for the realization of this work which featured several depositions and interviews with three former members of the battalion Suez, essential methodology for understanding of the aspects proposed due to the identity of the members of the Association speech studied.

Keywords: Suez Battalion; UN peace force; memory; Oral History; Military History; UNEF I.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Associação Gaúcha dos Ex-Integrantes da Força de Emergência das Nações Unidas.

Figura 2: Cabo Carlos Adalberto Ilha de Macedo, integrante do Batalhão Suez morto em combate em 1967.

Figura 3: Soldado brasileiro do Batalhão Suez sobre a Linha de Demarcação do Armistício (ADL).

Figura 4: Foto de um militar visitando as pirâmides no Egito durante os dias de dispensa.

Figura 5: Menção honrosa pela outorga do Prêmio Nobel da Paz de 1988 às Forças de Paz da ONU.

Figura 6: Localização da Praça Batalhão Suez em Porto Alegre.

Figura 7: Placa da rua nomeada em homenagem ao cabo Carlos Adalberto Ilha de Macedo.

Figura 8: Desfile do Batalhão Suez no 7 de setembro de 2009 em Porto Alegre.

Figura 9: Reunião dos veteranos com a direção da ABIBS/RS para acertar detalhes sobre o monumento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. ASSOCIAÇÃO DE VETERANOS.....	15
1.1. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EX-INTEGRANTES DO BATALHÃO SUEZ.....	18
2. MARCAS DO PASSADO: MEMÓRIA E IDENTIDADE DOS VETERANOS DO BATALHÃO SUEZ.....	22
2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DA MISSÃO NO ORIENTE MÉDIO (1957-67) NA FALA DOS VETERANOS	26
3. ESPAÇOS DE MEMÓRIA: COMEMORAÇÕES E EVENTOS DA ABIBS/RS.....	33
3.1. PRÁTICAS COMEMORATIVAS.....	36
3.2. MONUMENTALIZAÇÃO DA MEMÓRIA.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
ANEXOS.....	50
ANEXO A.....	50
ANEXO B.....	52
ANEXO C.....	53
ANEXO D.....	54

INTRODUÇÃO

A partir de 1956 as Forças Armadas Brasileiras participaram de missões das Nações Unidas com o intuito de pacificar países envolvidos em conflitos. Atualmente o Brasil envia contingentes militares para diversos países em cumprimento de missões de paz.¹ A primeira missão da ONU em que o Brasil participou foi a UNEF I², com um batalhão que permaneceu na Faixa de Gaza durante dez anos, tendo sido enviados um total de 6.300 homens em serviços de guarda e vigilância, divididos em vinte contingentes³ em regime de rodízio. Estes militares são reconhecidos até hoje por terem pertencido ao Batalhão Suez, criado em 1956 por Juscelino Kubitschek, pelo Decreto Legislativo nº 61, de 22 de novembro de 1956 (ver anexo 1), e enviados em janeiro de 1967 para o Oriente Médio.

A UNEF I foi criada pela ONU para conter as hostilidades que estavam ocorrendo no Oriente Médio na década de 1950, após a Guerra do Sinai⁴ em 1956, pois este conflito ameaçava a paz mundial por consequência das tensões já provocadas pela Guerra Fria. Lembremo-nos que neste momento havia o temor de conflitos nucleares e as possíveis decorrências do uso destas tecnologias já empregadas na Segunda Guerra Mundial.

Esta Força de Paz foi composta por dez países⁵ que se instalaram na Faixa de Gaza para estabelecer uma Linha de Demarcação de Armistício (ADL) entre Israel e Egito (ver anexo B). Desta forma construíram uma divisão física entre os países em conflito garantindo a normalização das atividades do Canal de Suez. Apesar de apenas ter adiado o conflito, a ONU conquistou seu principal objetivo que era evitar uma

¹ As missões de Paz no qual o Brasil está envolvido atualmente são, segundo fontes do Exército: MINUSTAH - Haiti, MARMINAS – Equador/Peru, Grupo de Monitores Interamericanos - Colômbia, UNFICYP - Chipre, UNMIL - Libéria e UNOCI - Costa do Marfim. Disponível em <http://www.exercito.gov.br/web/guest/missoes-atuais> Acesso em: 15 de junho de 2013.

² United Nations Emergence Force, tradução Força de Emergência das Nações Unidas, UNEF I refere-se à missão no Oriente Médio nos anos de 1957-67.

³ LOPES, Fabiano Luis Bueno. **Batalhão Suez: história, memória e representação coletiva (1956-2000)**. Curitiba. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciência Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, 2005. 101 f. Disponível em http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/5945/FABIANO_LUIS_BUENO_LOPES.pdf?sequence=1 Acesso em 12 de maio de 2013. p.1.

⁴ A Guerra do Sinai ocorreu em 1956 quando Israel, juntamente com a França e a Inglaterra, declarou guerra ao Egito devido à nacionalização do Canal de Suez pelo presidente Gamal Abdel Nasser, pois o controle do canal era, até este momento, de posse da Inglaterra. Eclode, então, um conflito em plena Guerra Fria deixando a paz mundial, que estava sendo estabelecida, ameaçada.

⁵ Os países que compuseram a UNEF I foram: Brasil, Canadá, Colômbia, Dinamarca, Finlândia, Índia, Indonésia, Iugoslávia, Noruega e Suécia.

guerra de maiores proporções devido ao complicado quadro das relações internacionais, provocado pela Guerra Fria, o acirramento da guerra ideológica e o aumento do poder bélico das potências mundiais bipolares.

Com o fim da missão, após a Guerra dos Seis dias⁶ e a volta dos militares ao Brasil em 1967, parte dos veteranos do Batalhão Suez fundaram em 1984⁷, no Rio Grande do Sul, a Associação Brasileira de ex-Integrantes do Batalhão Suez (ABIBS/RS) e é sobre esse contexto que busco trabalhar.

Meu objetivo neste trabalho é identificar os aspectos relativos à formação da identidade coletiva deste grupo social através dos elementos simbólicos e rememorações produzidas pelos veteranos juntamente com as ações da ABIBS/RS com o intuito de monumentalizar os feitos referentes à Missão de Paz que participaram. Portanto, este trabalho propõe um estudo do período pós-conflito, no qual os veteranos passam a organizarem-se em associações – neste caso pretendo analisar a ABIBS/RS - em prol de comemorações em datas importantes para o batalhão e os processos de enquadramentos da memória coletiva presentes durante os eventos organizados pela instituição.

Segundo Pollak, memória coletiva “é um fenômeno construído”⁸ pelo grupo para salvaguardar questões do passado que os uni e os diferencia dos demais, como também, de reforçar o sentimento de pertencimento a este grupo social como podemos analisar no grupo estudado.

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes [...]⁹

⁶ Em 1967 há o acirramento das tensões no Oriente Médio; Jordânia, Síria e Egito unem-se contra Israel. O presidente do Egito solicita ao secretário geral da ONU, U-Thant, a retirada da Força de Paz da fronteira. Enquanto os países que faziam parte da missão retiravam seus contingentes irrompeu a guerra, a partir de um ataque israelense à Força Aérea Egípcia. O fato dos militares da Força de Paz da ONU ainda estarem no território em conflito tornou-se o elemento surpresa para a deflagração da guerra.

⁷ Apenas após a abertura do Regime Civil-Militar que os ex-integrantes do Batalhão Suez passaram a organizar-se em associações devido ao tratamento que o governo brasileiro teve com os integrantes do último contingente (20º) que permaneceu no Oriente Médio durante a Guerra dos Seis Dias e foram expostos a diversas situações que os governantes procuraram esconder. Consta que a primeira associação de veteranos, segundo LOPES, era sediada em Curitiba e foi fundada em 1978.

⁸ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200-202. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1941> Acesso em 5 de junho de 2013.p.4.

⁹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3-15. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2278/1417..> Acesso em 2 de junho de 2013.p.7.

O procedimento de organizar o que deve ser lembrado passa pelo processo de enquadramento dessa memória, em que se busca a coesão interna como também “um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização”¹⁰ do grupo. O enquadramento da memória coletiva mostra-nos o surgimento de uma identidade social que pertence ao grupo, pois segundo Pollak, a memória é um elemento importante para construção da identidade individual e coletiva por trazer o sentimento de continuidade e coerência na construção e reconstrução de si.

Para Pollak a construção da identidade refere-se a uma “imagem de si, para si e para os outros”¹¹, pois este é um fenômeno que se produz em função ao outro e aos critérios de “aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade”¹² que estão em constante negociação.

Entre as entrevistas feitas e depoimentos espontâneos dos veteranos durante a pesquisa “Certamente várias passagens da experiência contêm adornos da imaginação. Observei que, para a maioria dos casos, as narrativas procuram tanto pontos positivos quanto negativos das experiências [...]”¹³, para a análise proposta não cabe questionar as distorções, reduções ou falhas da memória pois são estes fragmentos que possibilitaram a identificação do trabalho de enquadramento da memória coletiva elaborada pelos veteranos com o auxílio da ABIBS/RS.

Durante a pesquisa podemos observar a forma incomoda com que relatam o desprestígio governamental e das Forças Armadas em que convivem, pois, para estes, a missão é um referencial positivo de seu passado e motivo de orgulho – os veteranos do Batalhão Suez manifestam prazer em contar as histórias referentes à Missão, motivo que os impulsiona a continuar com os encontros na ABIBS/RS e participarem de palestras e eventos. Essa identificação com o Batalhão Suez, encontrada nos dias de hoje na fala dos ex-integrantes do batalhão e o modo com que se sentem pertencentes aos

¹⁰ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200-2012. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1941> Acesso em 5 de junho de 2013. p.7

¹¹ Idem Ibidem p.5.

¹² Idem Ibidem.

¹³ ARRAES FILHO, Manuel Ricardo. **História, memória e deserto: os soldados brasileiros no Batalhão Suez (1957-1967)**. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em História)- Programa de Pós-Graduação em História Contemporânea, Universidade Federal Fluminense, 2009. 293 f. Disponível em <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1280.pdf> Acesso em 10 de maio de 2013. p.17.

contingentes que compuseram, são elementos que se reportam ao que Thomson descreve como “composição da identidade”¹⁴.

Nossa identidade [...] é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e com nossa própria vivência. Construímos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para outras pessoas no convívio social.

O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembremos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais.¹⁵

Essa modelagem da memória é percebida em diversos momentos durante a pesquisa, desde o conteúdo em exposição nos painéis durante os eventos que contam a história de Suez, a partir das recordações e dos elementos simbólicos que guardam deste período; e nos relatos formais e falas mais descontraídas no qual se referem à missão que participaram, evidenciando este caráter uniforme das memórias que formam a identidade social do Batalhão Suez.

Este tema possui uma bibliografia quase inexistente, resume-se a alguns livros, com relatos de caráter jornalístico, literário e memorialista, há poucos trabalhos acadêmicos mais elaborados, como uma tese e uma dissertação que aqui serão referidas ao longo do trabalho. Quanto aos livros, estes são elaborados a partir de lembranças de ex-integrantes que compuseram o Batalhão Suez. São elaborados a fim de esclarecer alguns fatos vividos no passado e somando este caráter, a idade avançada destes indivíduos, percebemos a ânsia destes em preservar suas memórias transmitindo-as através destas publicações.

Devido à escassez de obras a respeito do tema proposto, essas lacunas bibliográficas podem ser preenchidas com o auxílio das memórias destes veteranos, que foram agentes da história e testemunhas oculares das atuações do Batalhão Suez no Oriente Médio. Este trabalho não tem a pretensão de preencher estas lacunas, mas sim, trazer ao conhecimento público informações no qual proporcionam um mínimo

¹⁴ THOMSON, Alistain. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. In: **Projeto História**, São Paulo: PUC-SP. N.15.abr.1997. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11216/8224> Acesso em 21 de agosto de 2013.

¹⁵ Id. Ibidem. p.57.

conhecimento sobre a missão que o Batalhão Suez desempenhou e que não é popularmente conhecida.

Apesar de a temática proposta não dispor de grande variedade de fontes bibliográficas que consiga servir de referência para pesquisas posteriores, a escassez de materiais referentes ao Batalhão Suez é o que impulsionou a elaboração deste trabalho, devido ao fato desta temática sofrer com o “esquecimento” nas produções historiográficas. Desta forma utilizei documentos de tipologias variadas, fontes escritas e orais, material iconográfico pessoal e institucional (como desenhos, fotografias, mapas, símbolos), acervos pessoais e institucionais, monumentos públicos no qual o de Porto Alegre ainda não foi construído, mas que tivemos acesso ao projeto, dentre outras formas de expressar a memória do Batalhão Suez.

Este trabalho foi realizado com base em três depoimentos de veteranos do Batalhão Suez, documentos institucionais da ABIBS/RS e dos eventos comemorativos referentes à missão organizados pela associação. Foi importante o estudo sobre a vinculação destes veteranos com a ABIBS/RS e as formas com que esta lhes proporciona manter viva a memória dos feitos de Suez, como parte indissociável da identidade social de cada integrante do batalhão.

O estudo utilizou arquivos disponibilizados no site oficial do Batalhão Suez¹⁶ que congrega todos contingentes, com artigos elaborados por vários atores desta história. Estes documentos são produzidos a partir de memórias individuais referentes à missão, eventos realizados após a fundação da ABIBS/RS e outras associações dispersas pelo território nacional e materiais que auxiliem o visitante entender o que foi e qual o objetivo da missão no Oriente Médio.

A utilização da História Oral foi fundamental no processo da pesquisa, devido aos objetivos propostos que buscaram evidenciar os aspectos subjetivos que os veteranos guardam da missão, desta forma podemos observar o caráter identitário da memória construída coletivamente após o retorno ao Brasil. Analisamos os registros obtidos através da história oral como um relato da vida destes indivíduos, ao focar as suas memórias individuais constroem mutuamente a trajetória do grupo ao qual pertence, pois aderem as suas recordações elementos referentes ao grupo social.

A ABIBS/RS é um importante meio de encontro dos veteranos, pois foi fundada com o objetivo de servir de espaço de confraternização e rememoração dos eventos de

¹⁶ www.batalhaosuez.com.br

Suez, contudo, foi de suma importância para a elaboração deste trabalho, visto que, a partir da associação obtivemos acesso aos veteranos, como também aos eventos e projetos da mesma. A associação tornou-se um local de encontros, reencontros e festejos, tendo um vínculo maior com os integrantes do 5º, 13º e 20º contingentes, devido ao fato que, estes contingentes eram, em sua maioria, compostos por gaúchos.

A materialização da memória elaborada pela ABIBIS/RS quanto por alguns integrantes, a fim de salvaguardar elementos referentes à missão, fazem com que as memórias e a identidade do grupo adquiram uma materialidade expressa em objetos e lugares. A preservação da memória através destes elementos simbólicos transforma-se numa necessidade à medida que busca preservar os vestígios do passado no qual permite relembrar e reelaborar suas memórias.

1. ASSOCIAÇÃO DE VETERANOS

A mais de cinquenta anos o primeiro contingente do Batalhão Suez seguiu em direção ao Egito, onde compuseram a Força de Paz das Nações Unidas. Após a desmobilização das tropas e o retorno ao Brasil houve, entre os veteranos, um momento de construção da cidadania em prol do que foi vivenciado no Oriente Médio, trazendo aspectos da missão para a vida social que retomaram após o período de afastamento do país.

Como consequência dos acontecimentos vividos enquanto serviram ao Batalhão Suez houve o estreitamento dos laços de amizade e companheirismo entre os militares devido ao compartilhamento de momentos de tensão durante o período que estiveram no Oriente Médio, no qual arriscam suas vidas para manter a paz em uma terra distante, pelo distanciamento de seu país e familiares.

Ao retornarem para o Brasil os soldados e cabos eram desligados da corporação militar, desta forma, geralmente perdiam o contato com os demais integrantes de seus contingentes. Ao retomarem as atividades civis passaram a sentir a ausência dos companheiros que dividiram as dificuldades, angústias e alegrias em tempos tão difíceis, motivando assim, há criação de diversas associações em diferentes regiões brasileiras para congregar os veteranos com o intuito de relembrar e comemorar os feitos da missão de paz que participaram.

No final da década de 1970 começam as primeiras organizações dos veteranos em associações – a primeira fundada em Curitiba -, as associações possuem formas de atuação semelhantes em que reivindicam benefícios que lhes são negados como expedicionário de seu país em missão de paz; outro aspecto que uni os veteranos é o desejo de confraternizar com seus companheiros, no qual o objetivo principal dos encontros é manter viva, entre o grupo social, à memória que compartilham e desta forma buscar o reconhecimento dentre outros grupos civis e militares.

As associações possuem um papel fundante na formação e construção da memória coletiva do grupo sobre a atuação em Suez, a memória é difundida através da identificação dos veteranos com o batalhão que os uniu como grupo social e no qual compartilham da mesma identidade constituída a partir da reelaboração coletiva da missão no Oriente Médio.

O processo de reintegração dos veteranos deve ser compreendido através de dois fatores principais, segundo Oliveira e Lopes¹⁷: o primeiro deles refere-se à etapa de construção da cidadania brasileira, no qual os dilemas para a construção da cidadania atinge toda a população trabalhadora brasileira que lutava por melhorias de trabalho e amparo social diante das repressões governamentais que estavam ocorrendo no país.¹⁸ O segundo aborda o caráter político e institucional das organizações militares e civis incumbidas de apoiar e amparar os veteranos da missão de paz na reintegração social, no qual o contingente que mais necessitou de auxílio (20º devido à permanência deste durante a Guerra dos Seis Dias) não o teve, por consequência do período ditatorial que restringiu os direitos a cidadania¹⁹ e pretendeu silenciar as reivindicações destes ex-militares que retornaram a sua pátria sem qualquer assistência para retomar suas atividades quando possível – muitos não puderam retomar suas atividades devido aos traumas vividos no período de guerra.

As reivindicações relacionadas aos veteranos de Suez estão vinculadas ao desligamento da instituição militar sem amparo e aos problemas de saúde gerados pelo stress pós traumático em alguns militares, aliado ao aspecto de desvalorização da importância da missão executada.²⁰

¹⁷ OLIVEIRA, Dennison de & LOPES, Fabiano Luis Bueno. **Veteranos Brasileiros do Mediterrâneo: a Força Expedicionária Brasileira (1944-45) e o Batalhão Suez (1956-1967)**. Revista Diálogos Mediterrânicos. n.3 – nov./2012. Disponível em: <http://www.dialogosmediterraneos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/54/48> Acesso em 12 de maio de 2013. p.57.

¹⁸ FERRAZ, F.C.A. OLIVEIRA. 2002. Pg. 375. *apud* Dennison de & LOPES, Fabiano Luis Bueno. **Veteranos Brasileiros do Mediterrâneo: a Força Expedicionária Brasileira (1944-45) e o Batalhão Suez (1956-1967)**. Revista Diálogos Mediterrânicos. n.3 – nov./2012. Disponível em: <http://www.dialogosmediterraneos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/54/48> Acesso em 12 de maio de 2013.p. 58.

¹⁹ Ao compreendemos cidadania como o exercício dos direitos políticos, civis e sociais percebemos que a estrutura política e social brasileira não propiciava condições para o desempenho integral desta cidadania, e muitas vezes nem de outra forma de cidadania visto que diversos direitos foram negados a população durante o período civil-militar. Desta forma percebemos que os direitos civis foram subtraídos dos veteranos de Suez, e as primeiras associações só surgiram no período de abertura do regime (e principalmente após), o que propiciou a retomada dois princípios da cidadania e a possibilidade de contestação pelos ex-integrantes da força de paz de direitos negados. Confira VIEIRA, Liszt. **Identidade e Globalização: Impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural**. Liszt Vieira (org.). Rio de Janeiro. Ed. Record. 2009; SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva. São Paulo. Contexto. 2005; PINSKY, J. Introdução. In: PINSKY, J. & PINSKY, C. B. (org.) **História da Cidadania**. São Paulo. Contexto. 2010.

²⁰ OLIVEIRA, Dennison de & LOPES, Fabiano Luis Bueno. **Veteranos Brasileiros do Mediterrâneo: a Força Expedicionária Brasileira (1944-45) e o Batalhão Suez (1956-1967)**. Revista Diálogos Mediterrânicos. n.3 – nov./2012. Disponível em: <http://www.dialogosmediterraneos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/54/48> Acesso em 12 de maio de 2013. p.58.

As instituições brasileiras das Forças Armadas e governamentais procuraram obstaculizar as demandas reivindicatórias dos veteranos, tanto em conseguir novos direitos quanto ao cumprimento dos existentes, a Ditadura Civil-Militar travou as mobilizações dos veteranos que só puderam ser retomadas após a abertura política brasileira. Estes, entre outros aspectos, motivaram os veteranos a organizarem-se em associações para além das confraternizações, reivindicarem o assessoramento necessário que lhes foi negado ao retornarem ao Brasil.

Há diversas associações espalhadas pelos Estados da Federação brasileira, distinguem-se entre elas algumas manifestações e práticas comemorativas, de modo que a diversidade de materializações da memória dos veteranos dificulta a integração das associações em prol de objetivos comuns. O recrutamento de efetivo em diversas localidades do Brasil possibilitou as formações diferenciadas de organizações dos veteranos de Suez após o cumprimento da missão, no qual muitos se reúnem em suas cidades para relembrem os feitos mesmo não havendo uma associação que os congreguem e incentive-os. “Os veteranos de Suez, assim como outros grupos, ampliam e fortalecem suas instituições através das atividades aglutinadoras e da necessidade de unirem-se para reivindicações e reparações.”²¹

Segundo Lopes, o movimento de sair em nome da pátria ocorre a partir de um ente coletivo, o Estado, que lhes impulsiona mais que suas vontades. Deste modo a coragem e determinação são em nome da instituição que os recrutou – neste caso as Forças Armadas. Ao retornarem passam a analisar os fatos com olhares individuais e não mais referentes à nação como um todo, emerge então diferentes sentimentos provenientes desta rememoração dos fatos passados no qual os veteranos do Batalhão Suez viram-se desamparados pelo Estado que este representou e obedeceu durante a missão. Para Lopes:

Assim como o horror da guerra ou as dificuldades de uma missão são motivos coletivos que afastam o indivíduo de sentir-se culpado sozinho, a reorganização em grupos sociais também tornam a superação das dificuldades pós-eventos mais fáceis e suportáveis. Mesmo porque, o que geralmente se

²¹ OLIVEIRA, Dennison de & LOPES, Fabiano Luis Bueno. **Veteranos Brasileiros do Mediterrâneo: a Força Expedicionária Brasileira (1944-45) e o Batalhão Suez (1956-1967)**. Revista Diálogos Mediterrânicos. n.3 – nov./2012. Disponível em: <http://www.dialogosmediterrânicos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/54/48> Acesso em 12 de maio de 2013. p. 77.

percebe é que não se reúne para lamentar os eventos, mas sim para comemorar.²²

Ao analisarmos as motivações para a formação deste grupo social observa-se uma decepção com o Estado e com a instituição ao qual serviram, e que lhes negou o amparo necessário quando retornaram ao Brasil. Porém procuram ir além destes ressentimentos e organizam-se para evitar o esquecimento da participação brasileira na UNEF I, no qual o Brasil era apto a integrar as forças da ONU para manutenção da paz em zona de conflito por sua neutralidade em relação às motivações do conflito e que trouxe como repercussão do serviço prestado benefícios para a política externa brasileira²³.

A partir da formação destas associações podemos identificar à solidariedade afetiva na construção da memória social demonstrando a identificação dos indivíduos com o grupo, compondo assim uma coesão nas lembranças individuais a partir das lembranças coletivas. E a permanente luta pelo reconhecimento da missão em que as associações buscam tanto na sociedade civil quanto nos meios militares.

A reintegração e o reconhecimento dos veteranos têm na construção de seu espaço de memória, a sua instituição, os seus arquivos, suas celebrações, suas solenidades, a instância de manutenção da sua história. A fundação da ABIBS/RS foi à concretização material e simbólica da memória, reconstruindo a história em suas atividades e lutas pela edificação desta memória dos gaúchos que pertenceram ao Batalhão Suez.

1.1. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EX-INTEGRANTES DO BATALHÃO SUEZ

Em 11 de maio de 1984, no Rio Grande do Sul, alguns veteranos do Batalhão Suez formaram, a que hoje se intitula, Associação Brasileira de ex-Integrantes do Batalhão Suez (ABIBS/RS) tendo como patrono o Coronel Omar Lima Dias. Esta foi

²² LOPES, Fabiano Luis Bueno. **Participação brasileira em forças de paz internacionais**: a questão da memória e a psico-sociologia dos grupos sociais. Disponível em: <http://www.arqanalagoa.ufscar.br/abed/integra/fabiano%20lopes,%2014-08-07.pdf> Acesso em 15 de junho de 2013. p.3.

²³ A criação do Batalhão de Suez teve vinculação com as políticas de visibilidade internacional, adotadas por Juscelino Kubitschek. Com a criação da UNEF I o Brasil foi considerado um dos países aptos para compor esta missão de paz na região do Canal de Suez, pelo fato que atendia as condições necessárias de neutralidade. As fontes oficiais que explicam esta indicação para compor a UNEF I, relacionam esta com o histórico de sucesso da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, no qual concedeu ao Brasil prestígio internacional.

fundada com a finalidade de retomar os laços de amizade, camaradagem que havia iniciado em Suez de modo a promover reencontros para lembrar os momentos vividos no deserto, como também confraternizar festividades relacionadas à missão de paz.

Notamos que a principal motivação para as atividades da associação é preservar a memória coletiva, pois seus feitos não são reconhecidos fora do grupo social ao qual pertencem. De modo que, a união dos veteranos nos eventos e reuniões da ABIBS/RS tem elaborado e preservado estas memórias a fim de evitar o esquecimento pelos próprios integrantes do Batalhão Suez, tendo como orgulho contar e lembrar elementos da missão no Oriente Médio.

Segundo Alfredo dos Santos Filho, atual presidente da ABIBS/RS, a instituição ao longo dos anos teve algumas modificações na sua nomenclatura a fim de melhor expressar seus fins, porém sempre esteve relacionada aos veteranos de Suez e defendeu os mesmos objetivos da atualidade. Podemos ver as mudanças através dos símbolos utilizados pela ABIBS/RS ao buscar uma identificação com a missão, como veremos na imagem abaixo que reflete o ambiente desértico que estiveram a partir da representação do dromedário armado e a caricatura de um gaúcho com a bandeira da ONU.



Figura 1: Associação Gaúcha dos Ex-Integrantes da Força de Emergência das Nações Unidas.
Fonte: Galeria de Fotos Históricas - Colaboração: Walter Mello de Vargas – Batalhão Suez - 20º Contingente. Disponível em: <http://www.abfiponu.org.br/galeria-waltermello.html>

O estatuto que rege a ABIBS/RS propõe promover a integração social entre os veteranos de modo a “Manter, estreitar e desenvolver entre os associados, os laços de

união e fraternidade, nascidos antes, durante ou após o cumprimento da missão na Faixa de Gaza”²⁴; verificamos as tentativas em cumprir este objetivo ao longo dos anos a partir das “realizações culturais, recreativas e sociais”²⁵ que a ABIBS/RS proporciona aos associados, civis e militares que contribuem para a afirmação da identidade deste grupo social. Estas comemorações e eventos promovidos pela associação tem o intuito de incentivar o culto à memória dos feitos destes brasileiros em Suez, de modo a uniformizar estas memórias a partir de rememorações coletivas. Diversas solenidades e celebrações que valorizam o papel dos veteranos na História Militar brasileira são utilizadas como ferramentas para autoafirmação, como forma de pertencimento as Forças Armadas e a representatividade que esta possui na história do país.

Estes indivíduos, apesar de longos anos já terminada a missão, continuam sentindo-se pertencentes ao Batalhão que os aproximou individualmente e que hoje se identificam coletivamente, construindo a partir de suas memórias uma identidade que os uni. A promoção da identidade está presente nas diversas manifestações culturais dos veteranos, pois incorporam a identidade social do grupo a sua individual, desta forma verificamos que a presença dos acontecimentos referentes à missão estão ligados, até hoje, aos indivíduos em suas diferentes ações nos meios sociais.

A ABIBS/RS tornou-se um importante veículo para a formação dessa identidade social devido à facilidade de reagrupamento dos ex-integrantes da missão, trouxe a oportunidade de construir elementos identitários e símbolos que lhes representam e explicitam sua história, e a inserção na sociedade civil após o cumprimento da missão. Segundo Lopes:

[...] indivíduos com um mesmo objetivo passam a compartilhar momentos juntos. Percebemos assim que parte das manifestações (explosões de sentimentos, conforme vimos) são expostas em forma de comemoração. Datas relevantes, eventos importantes, entre outros, são oportunidades de reunião e confraternização, reencontro e manutenção de uma memória a partir de um mesmo sentimento.²⁶

²⁴ Estatuto da Associação Brasileira de Integrantes do Batalhão Suez. Cap.1. Art.6º.

²⁵ Id. Ibidem.

²⁶ Id. Ibidem p.4.

Os eventos e comemorações no qual Lopes declara terem importância para a manutenção da memória são muito utilizados na ABIBS/RS para unir os veteranos de modo mais eficiente em torno de confraternizações para recordar Suez²⁷.

Segundo Lopes²⁸, podemos perceber apesar das inúmeras críticas em relação ao não reconhecimento do valor da missão por parte do Estado, que nas celebrações, nos símbolos e nos elementos comemorativos que utilizam para recordar a missão de paz há uma exaltação dos símbolos e valores dos órgãos oficiais, evidenciado ao analisarmos o patriotismo e a noção de pátria forjada pelo Exército, como o heroísmo do soldado brasileiro que está representado nos eventos e falas dos veteranos. Vemos que a preservação dos símbolos e valores referentes ao Exército estão explicitamente ligados ao o desejo de manter a memória do grupo, utilizando os eventos cívicos como veículos para a luta contra o esquecimento e de pertencimento a esta instituição maior.

Percebemos então que, as críticas e reivindicações são contra a União e o tratamento que esta teve e tem com os veteranos do Batalhão Suez, e não com as Forças Armadas que mesmo não lhes valorizando da forma que consideram merecedores, hoje iniciam um movimento de aproximação com os integrantes que compuseram uma das principais forças militares brasileiras que promoveram a manutenção da paz em meio ao conflito Árabe-israelense.

²⁷ As confraternizações promovidas pela associação serão abordadas no último capítulo onde serão analisados alguns eventos organizados pela ABIBS/RS.

²⁸ LOPES, Luis Fabiano Bueno. **As associações dos veteranos de Suez**. Disponível em <http://www.batalhaosuez.com.br/AssocsBtlSuezVeteranosDeSuez.htm> Acesso em 10 de agosto de 2013.

2. MARCAS DO PASSADO: MEMÓRIA E IDENTIDADE DOS VETERANOS DO BATALHÃO SUEZ

A temática da memória representou, a partir da segunda metade do século XX, um importante objeto de estudo no qual a subjetividade e a questão singular o indivíduo passaram a ser valorizadas pelas Ciências Humanas. Pois as questões referentes às representações sociais da realidade ganham importância não apenas para compreender os fatos históricos, mas principalmente para conhecer os agentes da memória que a produz.

Os estudos de Maurice Halbwachs²⁹ contribuíram decisivamente para a compreensão da memória dos grupos sociais, pois para o autor a memória é composta de aspectos coletivos pela interação que os indivíduos têm com a sociedade que o cerca. Desta forma as memórias individuais são um amalgama das experiências coletivas. Esta memória coletiva, para Halbwachs, tem uma importante função ao contribuir para a formação do sentimento de pertencimento a um grupo de passado comum, no qual compartilham memórias. Garantindo assim um sentimento de identidade do indivíduo com o grupo que compartilha esta memória. A partir deste estudo diversos outros teóricos passam a preocupar-se com esta questão e identificar a memória como fonte histórica para pesquisa através da História Oral.

Dentre as discussões historiográficas sobre a memória Michel Pollak desenvolve um trabalho fundamental referente aos usos da Memória como fonte histórica³⁰, a partir do estudo das memórias subterrâneas e dos processos de enquadramento da memória que os indivíduos elaboram para formar identidades. Nesta perspectiva de dialética de lembrança e esquecimento, o autor defende que há um trabalho constante de enquadramento desta memória, no qual os indivíduos/grupos definem o que devem lembrar e o que deve ser esquecido dos acontecimentos passados.

A construção da memória é, para Pollak, uma estratégia dos grupos sociais para formar uma identidade, uma coerência nas reproduções desta memória, agora uniformizada pelo processo de enquadramento. Pollak em seus estudos refere-se à

²⁹ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

³⁰ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3-15. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2278/1417..> Acesso em 2 de junho de 2013.

memória do Holocausto como um rompimento ao silêncio que perdurava há décadas e que, hoje, a historiografia tem mais interesse, como podemos observar no excerto abaixo:

[...] quarenta anos depois convergem razões políticas e familiares que concorrem para romper esse silêncio: no momento em que as testemunhas oculares sabem que vão desaparecer em breve, elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento... Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros, zonas de sombra, silêncios, 'não ditos' As fronteiras desses silêncios e 'não ditos' com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento.³¹

Assim como nos estudos de Pollak, no caso estudado percebemos que há uma tendência de preservar os aspectos memorialísticos em obras escritas, eventos que buscam enquadrar esta memória através de narrativas orais por parte dos veteranos, construção de monumentos que remetam a esta memória e formação de museus. Estas formas de rememoração unem o grupo social em prol de construir e reconstruir o sentimento de pertencimento como a identidade no qual compartilham devido à missão que cumpriram no Oriente Médio.

Para os veteranos de Suez a linguagem é um elemento fundamental para socialização da memória, pois através dela pode-se reduzir, unificar e aproximar questões referentes a memória e identidade do grupo. Desta forma, podemos identificar os processos pelos quais os veteranos decidem o que deve ser lembrado e o que não interessa ao grupo recordar e guardar como elemento de sua identidade. Destas escolhas resultam dentre o que será lembrado às comemorações no qual irão participar, as histórias e considerações que deverão ser incorporadas nas falas como também integrar nos livros e outras matérias produzidos pelo grupo a fim de eternizar os aspectos referentes ao Batalhão Suez. A noção de identidade está intrínseca a de memória, pois depende dos aspectos lembrados e selecionados para sua construção, a memória é um componente fundamental para a construção das identidades coletivas.

A necessidade de transmitir as lembranças observadas nos agentes da memória, os veteranos do Batalhão Suez, que devido a idade avançada, este pequeno grupo de ex-militares “deixa gradativamente não apenas a vida reprodutiva, mas também vê reduzir

³¹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3-15. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2278/1417..> Acesso em 2 de junho de 2013. p.1.

o espaço público para compartilhar suas experiências com as gerações mais novas”³². Por este motivo que os ex-integrantes do Batalhão Suez procuram monumentalizar essas memórias, a fim de eternizá-las de algum modo.

Estes ex-militares guardam consigo elementos como fotografias, objetos que trouxeram do Oriente Médio, elementos militares que lembram a missão que participaram de modo a ilustrar suas lembranças. A vontade de contar sua história e não deixar que ela morra com eles faz com que procurem acumular depósitos para suas lembranças, objetos que os ajude a relembrar os acontecimentos. Estes acervos são mostrados com muito ânimo e emoção, explicar as fotos, os objetos, lembrar-se dos companheiros, comprovar o que foi dito nos relatos e ocasionando o surgimento de novas lembranças através dos objetos que materializam as memórias não só individuais, mas do grupo. Essa oportunidade de ter o objeto em mãos e saber das histórias por traz deste é um momento privilegiado para o pesquisador que trabalha com história oral, pois tem a oportunidade de analisar o objeto, mas também de identificar os usos deste, as motivações que o fizeram salvuardá-lo e as implicações que tem para a memória e identidade do grupo e do indivíduo.

Nesta pesquisa deu-se importância para estas imagens produzidas pelos veteranos, não só pela possibilidade de analisa-las como fontes para pesquisa, mas principalmente por evocarem lembranças e memórias adormecidas pelo tempo. O uso da História Oral como método de pesquisa proporciona ao historiador aproximar-se de seu tema através da vivência com as fontes, neste caso com os veteranos no Batalhão Suez, que a partir desta metodologia proporcionou diversas análises a respeito da memória coletiva do grupo social para a qual as raras fontes escritas não possibilitariam a análise proposta.

Ao trabalhar com este método passo a compartilhar do sentimento que Pollack expressa ao escrever sobre seu trabalho com História Oral, “Há historiadores que são fãs dos arquivos, que sentem a necessidade de segurar o papel velho, e que falam disso, do mesmo modo que eu posso falar, depois da entrevista, do cafezinho servido por aquela velha senhora que quase me chamou de filho [...]”.³³

³² FERRAZ, Francisco César. 2003 *apud* MACEDO, Ranielle Cavalcante de. **História, memória e espaços**: experiências dos ex-combatentes de Parelhas-RN na defesa do litoral brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial. Natal. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2009. Disponível em http://btdt.bczm.ufrn.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2937 Acesso em 5 de outubro de 2013. p.117.

³³ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200-2012. Disponível em

Segundo Macedo³⁴ a interação entre o pesquisador e o idoso é de grande valia para ambos, pois no caso estudado os veteranos do Batalhão Suez assemelha-se aos seus estudos devido ao fato que ambos dispõem de relatos de acontecimentos e aspectos da memória individual e coletiva que é uma fonte inexplorada pelos pesquisadores, para os veteranos de Suez como para os combatentes na Segunda Guerra Mundial é importante o reconhecimento de sua história e de suas ações.

A arte de narrar ganha um significado especial, quando confiada a pessoas de idade avançada. Além de um longa experiência de vida, o velho possui uma liberdade maior em relatar o que lhe foi indagado. O que o diferencia dos jovens, ou mesmo dos adultos envolvidos na dinâmica da sociedade atual pretende-se, essencialmente, a liberdade por ele desfrutada de não medir palavras ou abordagens com medo de ferir ou denunciar os envolvidos no ramo de trabalho onde se situam.³⁵

Ao analisar os relatos dos veteranos de Suez percebemos esta característica de liberdade na fala apesar do caráter reivindicatório, demonstrando assim autonomia em relação à instituição militar, que ao chegarem reprimiu o 20º contingente de qualquer manifestação a respeito dos acontecimentos no Oriente Médio durante a Guerra dos Seis Dias, fato este que hoje é um elemento fundamental nos relatos de todos os que integraram os diversos contingentes que compuseram o Batalhão Suez.

Estes depoimentos revelam-nos mais que aspectos relacionados ao período que cumpriram a missão de paz em Suez, mas suas experiências de vida como sujeitos vinculados a um grupo social, sujeitos que representam e são representados por este grupo específico que aos poucos se extingue, no qual participaram de um episódio importante da história em uma região de conflito intenso com o propósito de manter a paz.

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1941> Acesso em 5 de junho de 2013. p.12.

³⁴ MACEDO, Ranielle Cavalcante de. **História, memória e espaços**: experiências dos ex-combatentes de Parelhas-RN na defesa do litoral brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial. Natal. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2009. Disponível em http://bdtd.bczm.ufrn.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2937 Acesso em 5 de outubro de 2013.

³⁵JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota, 2003, p.67 *apud* MACEDO, Ranielle Cavalcante de. **História, memória e espaços**: experiências dos ex-combatentes de Parelhas-RN na defesa do litoral brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. 2009. Disponível em http://bdtd.bczm.ufrn.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2937 Acesso em 5 de outubro de 2013. p.128.

2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DA MISSÃO NO ORIENTE MÉDIO (1957-67) NA FALA DOS VETERANOS

Ao analisar os relatos dos veteranos do Batalhão Suez nota-se que seguem uma sequência lógica de fatos, porém não cronológica. Inicialmente de forma simplificada, porém sem erros grotescos, buscam esclarecer o contexto histórico do conflito árabe-israelense desta forma introduzindo os aspectos que compreendem como essenciais para explicar a atuação da UNEF I na região do Oriente Médio. Wilton Mello Garcia³⁶ descreve o contexto do conflito árabe-judaico nas primeiras páginas de seu livro, como podemos observar no excerto abaixo.

O Canal de Suez [...] cobiçado como ponto estratégico em quase toda a primeira metade do século XX, [...] foi elemento vital das linhas de abastecimento da Inglaterra durante o período de sua influência na região. [...] A Inglaterra negociava e recebia petróleo, tendo a garantia que o abastecimento, através do *Canal* [...]. O Egito estava sob influência britânica desde o final do século XIX e, mesmo após se tornar independente, assistia o Canal de Suez sendo policiado por tropas inglesas. [...] Em 1952 [...] O General Gamal Abdel Nasser assume o poder, com postura de magnífico orador e com grande ambição: *Ser o líder do mundo árabe*.

Os anos 50 vão presenciar o momento em que o Egito de Nasser busca acabar com as influências estrangeiras [...] expulsando os “agentes do imperialismo” ou “os símbolos da opressão estrangeira” do país [...]. Nasser decide a 19 de Julho de 1956 nacionalizar o Canal de Suez sob a principal alegação de que os lucros arrecadados com o Canal não estavam sendo investidos no Egito. Outro fator apontado como causa da nacionalização do canal foi a negativa dos Estados Unidos em auxiliar na construção da Barragem de Assuã.

[...] Esses conflitos podem ser analisados sob a ótica dos que estavam atrelados ao vulto da bipolarização política do mundo, visto os auxílios recebidos por Israel dos Estados Unidos e os sucessivos “favores” da União Soviética prestados ao governo de Nasser no Egito, entre 1950 e 1960.³⁷

Após a contextualização do conflito, os relatos exprimem de forma linear as motivações para a integração ao batalhão, os antecedentes ao embarque para o Oriente Médio, a viagem e a atuação de seus contingentes. Apesar de inúmeros relatos de situações bem-humoradas, estes prendem-se mais aos problemas que passaram durante

³⁶ Wilton Mello Garcia, integrante do 20º contingente do Batalhão Suez.

³⁷ O trecho foi retirado do livro em que o autor Wilton Mello Garcia está produzindo no momento e que tive acesso as primeiras considerações do autor. Esta obra além do caráter memorialista possui uma pesquisa historiográfica para elaborar as questões que motivaram o conflito e que culminou na organização da UNEF I pela ONU.

a missão no Egito, os choques culturais e o retorno ao Brasil. Em suma, a maioria dos ex-boinas azuis³⁸ do Batalhão Suez englobam aspectos vivenciados por companheiros de missão de outros contingentes, o caso mais recorrente nas falas é a experiência vivida pelo 20º que permaneceu no Oriente Médio durante a Guerra dos Seis Dias no qual sofreram diversas agressões pelas tropas israelenses.

A construção da memória do grupo tem como objetivo afirmar a identidade a fim de garantir o registro de seus feitos na história brasileira e mundial, desta forma compartilhando elementos do passado comum ao grupo, experiências e lembranças individuais tornando estes elementos basilares na memória social.

Nos relatos os veteranos buscam identificar os israelenses, devido à deflagração da Guerra dos Seis Dias, como ingratos as Forças de Paz, principalmente aos brasileiros, no qual Dacílio Magalhães³⁹ refere-se em sua obra a uma dívida de gratidão que Israel devia ter com o Brasil por causa do apoio para a formação do Estado de Israel em 1948. Essa ingratidão é vista pelos demais componentes da ABIBS/RS pelo tratamento que os israelenses tiveram com os brasileiros.

Nesta ocasião os militares do 20º contingente tornaram-se reféns das tropas de Israel, foram saqueados e houve a morte do cabo brasileiro Carlos Adalberto Ilha de Macedo. Segundo os veteranos do Batalhão Suez os atos israelenses foram desnecessários e desumanos, devido ao fato da tropa brasileira estar na região em missão de paz e ser facilmente identificável a nação pertencente, desta forma não necessitaria o tratamento hostil que tiveram com os brasileiros, visto que não pertenciam ao cerne do conflito.

³⁸ Boina Azul ou *peacekeepers* (em inglês) são os militares que compõem as forças multinacionais a serviço da ONU, seus integrantes são conhecidos desta forma por utilizarem boinas, capacetes e turbantes azuis (como ocorreu no caso dos indianos quando estiveram em serviço na Faixa de Gaza nos anos de 1957-67).

³⁹ Dacilio de Abreu Magalhães, integrante do 13º contingente, autor do livro **Será que valeu a pena?** Registrado na Fundação Biblioteca Nacional e foi editado pelo Clube de Autores. Segundo o autor, em texto publicano no site oficial do Batalhão Suez, declara que “Nesse livro procuro mostrar que o integrante do Batalhão Suez teve que se desdobrar em dois, três e até em mais, dado a falta de efetivo condizente com a Missão recebida; teve que usar toda sua criatividade em função do desconhecimento da área de atuação e ainda passou fome, sede, calor e frio insuportáveis. Conviveu com o fantasma da Guerra, prestou auxílio à população local, teve seu salário reduzido, trouxe sequelas e foi descartado quando do regresso ao Brasil. Esse livro eu dedico exclusivamente ao Soldado da Paz, seja ele praça ou oficial, viva ele no Brasil ou no exterior. A homenagem que faço é ao militar pertencente à família das Nações Unidas, o Capacete Azul, aquele que não foi para matar e nem para mutilar seres humanos; que não destruiu cidades, que não dizimou famílias e nem colocou minas, muito pelo contrário, expôs sua vida, apartou, socorreu e estendeu sua mão antes mesmo de apontar seu fuzil”. A partir desta descrição feita pelo autor notamos o intuito de valorização dos militares que estiveram em Suez, valorização esta que segundo o autor estes não tem em outros meios sociais. Disponível em: <http://www.batalhaosuez.com.br/Livros.htm>. Acesso em 20 de setembro de 2013.



Figura 2: Cabo Carlos Adalberto Ilha de Macedo, integrante do Batalhão Suez morto em combate em 1967.

Fonte: Disponível em: <http://www.batalhaosuez.com.br/homPostCarlosAlbertoIlhaDeMacedo.htm>

Este episódio é descrito praticamente em todos os relatos e manifestações que evoquem a memória deste grupo, desde menções e fotografias do cabo assassinado na sede da ABIBS/RS e homenagens em comemorações destes Boínas Azuis. Este episódio tão traumático da história dos integrantes de Suez está expresso em diversas fontes elaboradas por eles, como no poema a seguir:

Ao Pracinha Tombado da UNEF.1
(Elegia ao companheiro Cabo ILHA 20º Contingente)

Tivesse eu te visto tombar
Poderia ter te amparado
Te aliviado a dor
E coberto o teu ferimento
Não terias morrido só
Tão longe de casa...

Tivesse eu ouvido o tiro
Tivesse eu visto o atirador
Tivesse eu te visto exposto
Pudesse eu ter te alertado
Tivesse eu... Pudesse eu...
Mas, estava longe de ti...
E tu tão longe de casa

Minha mente conhece as razões mas,
Meu coração só ouve as lágrimas e a dor
Por que tu tinhas que estar lá
Numa guerra que não era tua
Numa guerra insana e cruel...

Tombaste... tão longe de casa

No entardecer do resto de nossas vidas
Perfilados em silêncio bateremos continência
Para o pracinha herói do 20º Contingente
E para outros companheiros que partiram tão cedo
Nossas saudades, Cabo Carlos Adalberto Ilha de Macedo...

EDISON IABEL - Soldado Intérprete do 20º Contingente - 1967. (Colaboração Fernando Vargas)⁴⁰

O poema demonstra o pesar dos integrantes do Batalhão pela morte violenta de seu companheiro durante o período que estiveram como reféns dos israelenses na Guerra dos Seis Dias. Contudo, há várias outras menções a este período turbulento da participação brasileira, estes fatos traumáticos possuem uma forte marca na trajetória deste grupo e que os une em prol de reconhecimento por suas ações e pelos momentos difíceis que enfrentaram enquanto defendiam a paz.

Estes fatos se refletem na memória social em relação aos árabes, que são lembrados, em sua maioria, enfatizando as amizades, os serviços prestados por estes como também aspectos culturais que no início da missão abismava os brasileiros e por vezes os incomodava. Há poucas menções sobre os *fedayans*⁴¹ que muitas vezes trouxeram problemas para a região do armistício.

Estes militares, a serviço da ONU, passaram por diversas situações no qual identificam que mereceriam um tratamento melhor do que lhes foi destinado e da falta de atendimento ao retornar para sua pátria, justificando assim a proposta de revisão destas atitudes. Dentre os problemas mais relatados estão o perigo eminente da deflagração da guerra a qualquer instante, devido ao clima de tensão que havia na região; as minas terrestres espalhadas; falta de água no acampamento; doenças como a lepra e a tuberculose; intemperes climáticas⁴²; entre outros aspectos relatados que justificam, segundo eles, uma revisão do tratamento destinado a eles, a desassistência ao retornarem ao Brasil e a desvalorização existente nos dias atuais.

Essas falas organizadas que exprimem acontecimentos nos quais estes não vivenciaram durante o período que esteve a serviço da ONU, mas que outros contingentes passaram demonstra a construção desta memória coletiva que é formada ao longo do tempo a partir das recordações do grupo como um todo. Para Lopes:

⁴⁰ IABEL, Edison. Ao Pracinha Tombado da UNEF.1. In: **Homenagens Póstumas. 20º Contingente - Cabo Carlos Adalberto Ilha de Macedo.** Disponível em <http://www.batalhaosuez.com.br/homPostCarlosAlbertoIlhaDeMacedo.htm> Acesso em 8 de setembro de 2013.

⁴¹ Militantes árabes e palestinos.

⁴² As intemperes mais relatadas são as tempestades de areia e a elevada amplitude térmica.

O fenômeno esclarece, em certa medida, as transformações pelas quais as memórias de grupos sociais passam ao longo de suas construções, tornando-se “verdades” na medida em que se repetem em vários meios de divulgação ou tornam-se “discursos oficializados” pelo grupo com o passar do tempo.⁴³

Outro aspecto importante ressaltado nas memórias é a vigília do setor ADL que correspondia ao Batalhão Suez, estendia-se por cinquenta quilômetros. Esta linha era formada por um fosso cavado na areia, com cerca de um metro de largura por oitenta centímetros de profundidade, no qual Alfredo dos Santos Filho recorda que após as tempestades de areia os militares tinham que refazer esta marcação para mantê-la sempre visível, algo que acontecia constantemente. Amâncio Aranha Pinto Dias afirma que uma das fotos mais tiradas pelos militares era o soldado em pé sobre a ADL com um pé de cada lado do fosso, sinalizando Israel de um lado e Egito do outro, como mostra a fotografia a seguir:⁴⁴



Figura 3: Soldado brasileiro do Batalhão Suez sobre a Linha de Demarcação do Armistício (ADL).
Fonte: Disponível em <http://www.batalhaosuez.com.br/batsuez1.htm> Acesso em 24 de outubro de 2013.

⁴³ LOPES, Fabiano Luis Bueno. Batalhão Suez – Força de Paz da ONU: memória e história militar. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005. Disponível em <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0348.pdf> Acesso em 5 de jul de 2013. p.8.

⁴⁴ Informações prestadas por Alfredo dos Santos Filho e Amâncio Aranha Pinto Dias, 5º contingente, ao autor, em 22 de out. 2013 na sede da ABIBS/RS.

Ao longo dos dez anos que o Brasil manteve-se na missão exército desenvolveu algumas atividades com a intenção de amenizar as tensões sofridas durante o cumprimento das atividades como jogos de futebol entre as nações e os *leaves*, no qual segundo Alfredo dos Santos Filho a cada três meses de serviços os militares tinham sete dias de dispensa, chamada *leave tour*, que poderia ser passada no próprio Oriente Médio, na Europa ou no Brasil.

Para que ocorressem estes *leaves* a ONU mantinha Centros de Licença no Cairo, em Alexandria e em Beirute lugares onde os militares das Forças de Paz poderiam usufruir de hospedagem e refeições custeadas pela ONU. Outros lugares poderiam ser visitados durante esses dias de dispensa, porém seriam custeados pelos militares. Alfredo dos Santos Filho relembra que acumulou vinte um dias referentes às dispensas e viajou para conhecer alguns familiares que residem na Europa. Esses *leaves* tinham o intuito de acabar com a rotina exaustiva de guarda na ADL. Podemos ver na imagem abaixo o militar visitando o Cairo durante o *leave* proporcionado pela ONU.



Figura 4: Foto de um militar visitando as pirâmides no Egito durante os dias de dispensa.
Fonte: Arquivo pessoal de Adolfo Camerino Teixeira de Oliveira.

As memórias uniformes têm o intuito de buscar para o grupo o reconhecimento da missão que participaram, devido às queixas frequentes da desvalorização do grupo por parte das Forças Armadas e do governo brasileiro. Há uma busca em reverter estas depreciações e inclusive de perpetuação desta memória para evitar que o esquecimento (comum entre veteranos) propague-se e não consigam obter o almejado reconhecimento nacional. Prestígio este conquistado internacionalmente com a conquista do Premio

Nobel da Paz em 1988⁴⁵, mas que nacionalmente não o tem. Dacílio de Abreu Magalhães em seu livro “Será que valeu a pena?”, faz uma reflexão referente à falta de reconhecimento desta premiação pela população brasileira.

Os brasileiros desconhecem esse prêmio trazido para o Brasil pelos Soldados da Paz, porque não houve interesse em divulga-lo e nem de coloca-lo nos livros escolares e nas enciclopédias, para que os nossos jovens pudessem tomar conhecimento dos feitos desses brasileiros desconhecidos; mas [...].⁴⁶

O evidente desprestígio que marca a história dos veteranos está intrinsicamente contido nos relatos e obras memorialísticas, porém a falta do reconhecimento tão almejado não faz com que deixem de orgulhar-se por seus feitos, como no caso do Prêmio Nobel da Paz ao qual foram agraciados juntamente com demais militares que formam as Forças de Paz da ONU. Podemos ver na figura a seguir um certificado elaborado pela ABIBS/RS que faz menção a premiação concedida.



Figura 5: Menção honrosa pela outorga do Prêmio Nobel da Paz de 1988 às Forças de Paz da ONU.

Fonte: Arquivo pessoal de Adolfo Camerino Teixeira de Oliveira.

⁴⁵ Em 1988 os escolhidos para receber o Premio Nobel da Paz foram as Forças de Paz da ONU, no qual está inserido o Batalhão Suez, que juntamente com os demais grupos militares patrulharam regiões em conflito a fim de manter a paz.

⁴⁶ MAGALHÃES, Dacílio de Abreu. *apud* **O Prêmio Nobel da Paz 1988**. Disponível em <http://www.batalhaosuez.com.br/PremioNobelPremioNobelddaPaz.htm> Acesso em 5 de set de 2013.

3. ESPAÇOS DE MEMÓRIA: COMEMORAÇÕES E EVENTOS DA ABIBS/RS

Os lugares de memória, segundo Nora⁴⁷, são lugares que vão desde o objeto material e concreto onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos demais integrantes do grupo social, ao mais abstrato funcional e simbólico porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas como também onde essa memória coletiva – identidade – se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. Podem ser um monumento, uma personagem, um museu, arquivos, bem como um símbolo, um evento ou uma instituição. Este lugar deve ter na sua origem uma intenção memorialista que garante sua identidade e a perpetuação da memória do grupo.

Esses lugares de memória são importantes aos veteranos do Batalhão Suez por não mais terem outros meios de memória, seja pela distância temporal do evento quanto pelo desprestígio da missão que cumpriram.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais.⁴⁸

Os lugares de memória são uma construção simbólica e histórica dos processos sociais, segundo Nora “[...] são, antes de mais nada, restos. [...] São rituais de uma sociedade sem ritual, sacralidades passageiras em uma sociedade que dessacraliza, ilusões de eternidade.”⁴⁹. Esses lugares de memória unem e conferem sentido a coletividade, transmitem elementos representativos ao grupo.

Podemos observar que locais públicos passam a compor os espaços de memória dos veteranos, um dos principais é a Praça Batalhão Suez criada em 1989 pela prefeitura municipal de Porto Alegre a partir da lei nº 6376 (ver anexo C) no qual define que a praça, que até o momento da aprovação não tinha nome, situada entre a Av. Loureiro da Silva e a Rua Antônio Klinger Filho – bairro Centro seria a partir de então em homenagem aos “Contingentes de militares brasileiros, integrados à ONU, em missão

⁴⁷ NORA, Pierre. **Entre a Memória e a História. A Problemática dos Lugares**. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História, nº 10, Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP, São Paulo - SP: Editora EDUC, 1993. Disponível em <http://www.pucsp.br/projeto-historia/downloads/revista/PHistoria10.pdf> Acesso em 14 de out de 2013.

⁴⁸ Idem Ibidem, p.13.

⁴⁹ Idem Ibidem, p.24.

de paz no Oriente Médio.”⁵⁰, menção esta que segundo a lei deveria estar abaixo do nome nas placas de identificação da praça. Nesta praça será realizada a construção do monumento em homenagens aos veteranos de Suez, a elaboração deste monumento e suas implicações serão abordadas ao longo do capítulo⁵¹.

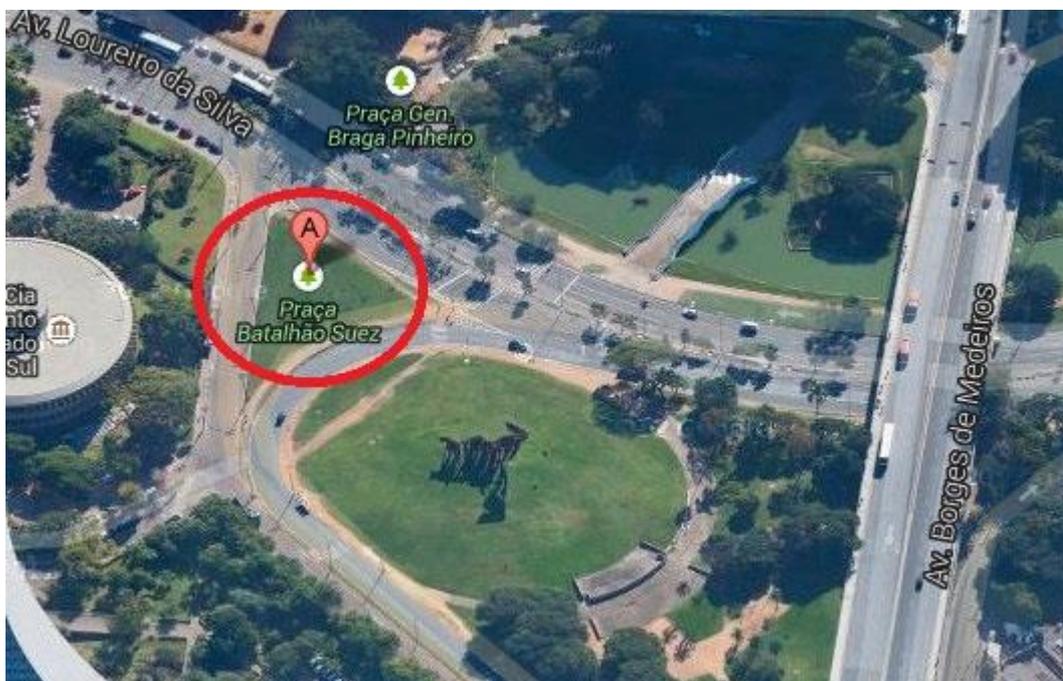


Figura 6: Localização da Praça Batalhão Suez
Fonte: Google Maps

Outro lugar que podemos identificar como marco de memória dos veteranos é a rua que homenageia o cabo Carlos Adalberto Ilha de Macedo, localizada na zona sul de Porto Alegre. Este é o único logradouro que homenageia um soldado da paz que pertenceu ao Batalhão Suez, identificando o indivíduo que nomeia esta rua como ex-integrante ao Batalhão Suez morto em combate em 1967. Para o grupo no qual estamos analisando esta singela homenagem da cidade de Porto Alegre a este que serviu a sua pátria com a própria vida é para seus companheiros motivo de diversas recordações referentes aos momentos que estiveram no Oriente Médio contendo um valor simbólico para os veteranos diferentemente do apresentado pelas pessoas que habitam aquele local que nem si quer – em muitos casos – ouviram ou leram sobre a missão de paz que motivou tantos jovens a afastar-se de seus familiares para buscar a manutenção paz em terras tão distantes.

⁵⁰ Lei n° 6376 que denomina Praça Batalhão Suez um logradouro público, artigo 1°.

⁵¹ Item 3.2- Monumentalização da memória.



Figura 7: Placa da rua que nomeada em homenagem ao cabo Carlos Adalberto Ilha de Macedo
Fonte: Acervo da ABIBS/RS

Como podemos ver há diferentes lugares de memória seja ambientes que guardam objetos referentes às lembranças, seja pelo nome do lugar e/ou pela simbologia de uma época referente a experiências vividas. Assim como estes elementos propiciam um sentimento de pertencimento ao Batalhão Suez, as comemorações e eventos feitas pelos veteranos concede a estes uma unidade em relação a memória social do grupo.

As cerimônias e celebrações significam para os veteranos do Batalhão Suez a manutenção da memória coletiva e a reelaboração constante da identidade do grupo. O intuito de eternizar esta memória através dos eventos propostos pela associação está contido no estatuto da mesma, no qual se refere aos objetivos da associação: “Comemorar datas e feitos da nossa história [...]”⁵², tanto datas referentes ao Exército, como comemorações sobre a missão de paz no Oriente Médio e demais eventos civis no qual são convidados.

Segundo Le Goff: “[...] o calendário nacional pode ser entendido como importante instrumento de manipulação da memória coletiva de uma sociedade, é através dele que os detentores do poder impõem uma memória que deve ser inserida no imaginário social”⁵³. Isto é, as comemorações nacionais representam a escolha do que deve ser lembrado e celebrado. Desta forma, a associação se apropria destas comemorações nacionais instituídas para cultivar sua memória social juntamente com a história nacional a fim de obter reconhecimento e valorização de sua história e personagens. Contudo, os veteranos participam dos desfiles militares do sete de setembro e outros eventos contidos no calendário militar como o dia dos Guardiões da Paz, 29 de maio, denominado como Dia do Boina Azul.

As demais celebrações da ABIBS/RS tem caráter civil por referir-se aos festejos em torno das datas de ida para o Oriente Médio e posteriormente de retorno ao Brasil dos diferentes contingentes. Realizam eventos sociais como bailes em homenagens aos boinas azuis de Suez que são abertos a sociedade civil.

⁵² Estatuto da Associação Brasileira de Integrantes do Batalhão Suez. Cap.1. Art.6º.

⁵³ LEGOFF, Jack. Documento Monumento. In: História e memória. São Paulo: UNICAMP, 1996. p.485.

3.1. PRÁTICAS COMEMORATIVAS

Comemorar é uma atividade social de ação coletiva e simbólica que requer uma organização social do tempo, do que desejam expor e de que forma será feito. Pois é através destes eventos que os veteranos se encontram para voltar ao passado através da memória, mas principalmente de projetar-se para o futuro almejando obter reconhecimento pela missão que cumpriram.

A utilização de elementos do passado nos eventos expressa uma organização coletiva de cunho histórico com a finalidade de localizar seus feitos na história. Deste modo podemos observar como a memória e a história são elementos fundamentais na construção da identidade deste grupo social.

A memória essa operação dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, [...], em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades [...]. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis.⁵⁴

O fortalecimento dos vínculos afetivos e a elaboração da identidade que remete ao passado compartilhado estão presentes nas confraternizações a partir dos painéis, objetos expostos, histórias narradas entre os amigos e companheiros. Podemos observar que este passado em que se referem é reciclado, isto é, é reelaborado a partir nas visões e considerações que hoje julgam importantes. Essa relação com o passado tem um caráter afetivo identitário em que observamos em momentos pré e pós comemorações e eventos em um momento de construção e de reelaboração do imaginário referente a missão, é neste momento que podemos observar como que o processo de enquadramento da memória é fundamental para a construção da identidade social demonstrada nos eventos.

As comemorações analisadas referem-se às realizadas pela ABIBS/RS na cidade de Porto Alegre, devido ao fato que as diferentes associações e agremiações de veteranos buscam realizar eventos próprios no qual muitas vezes os integrantes da ABIBS/RS participam em diferentes cidades e estados brasileiros. Para estas análises

⁵⁴ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3-15. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2278/1417..> Acesso em 2 de jun de 2013. p.9.

utilizaremos os conceitos de Celso Castro referente a uma *invenção da tradição*⁵⁵, segundo o autor nas comemorações militares são:

Comum a todos os casos é a tentativa de expressar identidade, coesão e estabilidade social em meio a situações de transformação histórica. Isso é feito através do recurso à invenção de cerimônia e símbolos que evocam um passado muitas vezes ideal ou mitológico.⁵⁶

Essas cerimônias, no caso da ABIBS/RS, representam a integração do grupo social em prol da preservação de suas memórias e do sentimento de pertencimento ao Batalhão Suez, dentre as comemorações militares e civis ambas possuem o intuito de buscar reconhecimento.

O desfile de sete de setembro, dia da Independência, é a cerimônia que o enquadramento da memória histórica e os símbolos nacionais melhor se expressam nas ações dos veteranos do Batalhão Suez, o desfile cívico-militar da Independência conta com a presença dos soldados de todas as armas, fardados e em marcha de modo a relembrar o passado. Entre os militares estão os ex-integrantes do Batalhão Suez que integraram a força de paz da ONU, a memória das ações do grupo é colocada juntamente com a história nacional e do Exército como um todo, conferindo-lhes a inserção na memória nacional.

⁵⁵ CASTRO, C. Inventando tradições no Exército brasileiro: José Pessoa e a reforma da Escola Militar. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, 1994, p.231-240. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1986> Acesso em 8 de out de 2013.

⁵⁶ Id. Ibidem. p.231.



Figura 8: Desfile do Batalhão Suez no 7 de setembro de 2009 em Porto Alegre.
Fonte: Fonte: Arquivo pessoal de Adolfo Camerino Teixeira de Oliveira.

A farda utilizada nos desfiles militares, como em eventos civis que os integrantes do Batalhão Suez participam, é uma marca de distinção entre outros militares e ex-militares, pois segundo os mesmos apenas eles têm o direito de usar a farda mesmo não pertencendo ao exército, o fardamento é confeccionado pela ABIBS/RS a fim de proporcionar uma coesão entre o grupo e como símbolo de exaltação da missão, vestindo-o com orgulho e exibindo as medalhas obtidas com o cumprimento da missão na UNEF I.

No dia 20 de julho de 2013 os integrantes do 13º contingente promoveram um almoço de confraternização pelo cinquentenário da partida para o Oriente Médio (4 de julho de 1963), o evento foi realizado no Clube do professor Gaúcho, na zona sul de Porto Alegre. No evento estavam presentes ex-militares dos demais contingentes que fizeram parte do Batalhão Suez, familiares e amigos.

Logo na recepção foi montado um histórico da missão com *banners*, recortes de jornais, fotografias organizadas em murais que representavam a memória construída coletivamente pelos veteranos no qual os objetos eram elementos da identidade do grupo. Além dos murais que sistematizam as lembranças, havia diversos objetos utilizados durante a missão, fardamento completo confeccionado para o deserto e duas viaturas da ONU, brancas com os emblemas da UNEF. Percebemos como esses elementos são fundamentais para fortalecer o sentimento de pertencimento a missão, e

que as recordações trazidas do Oriente Médio estão presentes nas formulações identitárias do grupo.

Eventos como este são produzidos pelos veteranos para os três contingentes gaúchos em suas datas respectivas, ocorrem a cada cinco anos para comemorar as idas e vindas dos contingentes. De modo a reforçar não apenas os laços de amizade, mas também para demarcar os símbolos que edificam esta memória coletiva expressa nos eventos.

A confraternização a pesar do caráter civil possui forte influência dos elementos militares, como podemos observar na abertura com os hinos – nacional e regional- o toque de silêncio aos falecidos e pronunciamentos das autoridades. Ao término do almoço houve apresentação de dança do ventre que os remete a lembranças dos aspectos culturais vivenciados do deserto.

As características militares estão presentes em ambas às formas de expressão da ABIBS/RS, devido às heranças culturais e ritualísticas presentes nos eventos militares que são naturalizados pelos veteranos, dentre estes símbolos está à concessão de medalhas, criada pela associação pra homenagear civis e militares que estejam envolvidos em projetos da ABIBS/RS e tenha contribuído de alguma forma com as causas do grupo social.

3.2. MONUMENTALIZAÇÃO DA MEMÓRIA

A construção do monumento em homenagem aos veteranos do Batalhão Suez em Porto Alegre foi instituída por lei municipal no ano de 2008 (ver anexo D), o monumento irá ser construído na Praça Batalhão Suez localizada entre as avenidas Loureiro da Silva e Borges de Medeiros. Esta construção irá homenagear cerca de 1.150 gaúchos que integraram o 5º, 13º e 20º contingente enviado ao Oriente Médio.

Este monumento mais que um símbolo para a perpetuação da memória do grupo social ao qual os veteranos pertencem tem o intuito de salientar as experiências da primeira Forças de Paz brasileira em missão da ONU.

O monumento terá forma de pirâmide no qual em uma de suas quatro faces conterà a história da missão no Oriente Médio, nas demais, os nomes dos integrantes gaúchos do 5º, 13º e 20º contingentes e, no vértice superior, um globo em aço inoxidável trará as cores da ONU e um capacete. O valor para a construção da obra está sendo angariado pelos veteranos através de almoços, jantares e doações, pois a

ABIBS/RS possui recursos financeiros reduzidos. Desta forma podemos perceber as estratégias que a associação, como outros grupos sociais, busca alcançar seus objetivos e concretizar seus projetos mesmo com poucos recursos financeiros.

Os veteranos temem que o reconhecimento e as homenagens como a do monumento venham tarde, pois muitos integrantes do Batalhão Suez já faleceram devido à idade avançada. Na imagem abaixo estão alguns dos veteranos juntamente com a presidência da ABIBS/RS em uma reunião sobre o monumento que está representado pelo projeto exposto.



Figura 9: Reunião dos veteranos com a direção da ABIBS/RS para acertar os detalhes do monumento.
Fonte: Site oficial Batalhão Suez.

Outra forma de edificação da memória que o grupo procura produzir são as coleções que estão organizando para compor um memorial no museu militar de Porto Alegre como em outras repartições militares do estado do Rio Grande do Sul, os objetos que aos poucos estão sendo coletados pela presidência da ABIBS/RS agregam sentido ao sentimento de pertencimento a missão que cumpriram.

O ato de escolher o que irá compor as coleções demonstra um desejo de demarcar e enquadrar a memória do grupo a fim de reafirmar a identidade através do projeto construído coletivamente, a partir de objetos doados pelos veteranos, com o intuito de preservar e divulgar este episódio da história que poucos conhecem e que eles foram

atores. Segundo Moutinho⁵⁷ o ato de definir o que será exposto “Trata-se de seleccionar (autocraticamente ou de forma participativa) um conjunto de objectos no sentido mais lato da palavra, os quais serão exibidos pelo seu valor consensual, pelo valor que lhes é atribuído, ou pelo significado que podem assumir.”⁵⁸

Desta forma podemos compreender que a possibilidade de organizar memoriais referentes ao Batalhão Suez a partir recortes elaborados pelos veteranos a fim de demonstrar e compartilhar seus feitos, é um recurso utilizado para obterem o reconhecimento almejado, podendo, desta forma, expor suas memórias edificadas em objetos referentes ao grupo para solidificar e materializar a identidade social. Vemos que a elaboração deste material visa não apenas o público das Forças Armadas, mas também a população em geral, a pesar de que neste momento as salas que estão disponíveis serem apenas em locais referentes ao exército.

As memórias individuais se reforçam, se fortalecem e são aperfeiçoadas a partir dos enquadramentos coletivos da memória no qual os espaços de monumentalização proporcionam, os veteranos utilizam estes espaços como um instrumento para serem lembrados e valorizados. O processo de construção memorialística e de uma identidade coletiva que é fruto de um determinado grupo social, os ex-integrantes do Batalhão Suez, e no qual buscam atender ao sentimento de coletividade, cujo vínculo social está representado nas celebrações e nos elementos que estas possuem em referência a Missão de Suez.

⁵⁷ MOUTINHO, Mácio Canova. A construção do objecto museológico. In: Cadernos de Sociomuseologia, n.4. Lisboa: ULHT, 1994. Disponível em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/244/153> Acesso em 13 de out de 2013.

⁵⁸ Idem Ibidem, p. 8.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do comportamento coletivo desta pequena parcela do contingente de homens que foi ao Egito entre 1957 a 1967, revela que, para os veteranos, o reconhecimento da missão é um elemento fundamental para fortalecer a identidade social do grupo. As Forças Armadas como as instituições governamentais não valorizam e reconhecem os agentes desta memória, mas sim, tendem a buscar esquece-los devido ao não assessoramento dedicado aos militares logo que chegaram ao país.

Os veteranos tendem a construir lugares de memória que segundo Nora, têm o objetivo de acabar afastando a possibilidade do esquecimento dos feitos destes homens, assim podemos considerar que hoje a ABIBS/RS é uma entidade formada basicamente de pessoas que lutaram e ainda lutam para o não esquecimento da participação brasileira na UNEF I.

Percebemos que a intenção principal dos veteranos da ABIBS/RS é preservar a memória do grupo, mesmo com as diversas dificuldades enfrentadas para a manutenção da mesma. As celebrações, os encontros, a confraternização em torno da participação na Missão de Paz e a valorização de seus papéis na história militar do país são formas de manter viva a lembrança do passado. Nos eventos observamos o constante anseio por auto-afirmação e pertencimento a missão, desta forma identificamos na busca de suas origens, ou seja, naquilo que os uniu – a participação na UNEF I - uma identidade coletiva.

A identidade do grupo está expressa como podemos ver nas confraternizações, na participação nas comemorações cívicas, na formação do museu que é por excelência o lugar de memória que melhor expressa o enquadramento da memória coletiva deste grupo ao organizarem o que será exposto e de que forma isto ocorrerá, na tentativa de construir o monumento em homenagem ao batalhão, na sede da ABIBS/RS e principalmente na vida social de cada ex-integrante, pois o sentimento de pertencimento ao Batalhão Suez é um elemento forte não só nas falas durante a pesquisa, mas na vida social destes homens.

Apesar de certa ambiguidade ao analisarmos as críticas dos veteranos ao não reconhecimento do Estado e a valorização da missão, as celebrações, os símbolos e os elementos comemorativos exaltam os valores pertencentes aos órgãos oficiais, neste caso o Exército. A ABIBS/RS utiliza dos símbolos e datas cívicas como veículos para

lhes auxiliam na luta contra o esquecimento, este evidenciado nas falas dos veteranos que almejam reconhecimento pela missão, como também nos poucos estudos referentes ao tema.

Outra questão constantemente abordada e lembrada foi à falta de assistência após o retorno e suas consequências, o que entendemos por reintegração social do soldado brasileiro após a missão, pois ao retornarem não receberam indenizações, tratamentos médicos ou outras preocupações da mesma espécie. Juntamente com os relatos da política brasileira com os militares que retornaram da missão, há relatos referentes à preocupação com os ex-participantes desempregados, doentes, traumatizados, enfim, em sérias dificuldades para serem reabsorvidos pela sociedade.

Apesar da imparcialidade em relação ao conflito, item no qual era requisito para uma nação formar a UNEF I, há menções sobre a crise médio-oriental e a convivência com as populações locais no qual mostraram uma memória que se refere a Israel sendo visto como ingrato e os árabes como os injustiçados. Segundo eles os árabes simpatizam com os membros da ONU, possuíam alguns contatos na ADL com os militares e prestavam serviços as forças de paz; já os israelenses são lembrados desta maneira principalmente pela forma que agiram com os integrantes da UNEF I que permaneceram na região durante a Guerra dos Seis Dias, e sobre tudo por causa da morte do Cabo Carlos Adalberto Ilha de Macedo.

São essas experiências pessoais descritas, vividas no meio do deserto e nas cidades do Oriente Médio, que ajudam a dar vida a este trabalho, colocando o indivíduo como sujeito da História através de suas lembranças. Memórias, recordações e passagens que sempre estiveram muito vivas na lembrança deste grupo, apenas à espera da oportunidade de conta-las com prazer e orgulho. Desta forma entendemos que este trabalho trata-se somente de um passo inicial que pretende abordar este tema, uma aproximação entre este episódio com a história nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABFIPONU. **Associação Brasileira das Forças Internacionais de Paz da ONU.** Disponível em: <<http://www.abfiponu.org.br/forcasdepaz.html>>.

ABIBS-RS. **Associação Brasileira dos Integrantes do Batalhão Suez do Rio Grande do Sul.** Fundada em 11 mai. 1984.

AMADO, Janaína ; FERREIRA, Marieta de morais (org) **Usos & Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ANDRADE, Roberto Brenol. **Batalhão Suez... fora de forma, marche!** Porto Alegre: Corag, 1985.

ARRAES FILHO, Manuel Ricardo. **História, memória e deserto:** os soldados brasileiros no Batalhão Suez (1957-1967). Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em História Contemporânea na Universidade Federal Fluminense, 2009, 293f. Disponível em <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1280.pdf> Acesso em 10 de maio de 2013.

BAILEY, Sidney. **A História das Nações Unidas.** Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

BARROS, Fernando Antônio Corrêa de. **Batalhão Suez.** Na fronteira das ilusões. Porto Alegre: F.C.B. Consult, 1998.

BATALHÃO SUEZ. Disponível em: <<http://www.batalhaosuez.com.br>>.

BRASIL. **Missões de Paz.** Disponível em <http://www.exercito.gov.br/web/guest/missoes-de-paz> Acesso em 15 de maio de 2013.

BRASIL. **Decreto Legislativo N. ° 61,** DE 1956. Lei de criação do Batalhão Suez (III/2° RI) pelo governo brasileiro. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleg/1950-1959/decretolegislativo-61-22-novembro-1956-350654-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em 23 de maio de 2013.

CAMERINO TEIXEIRA DE OLIVEIRA, Adolfo. Informações prestadas ao autor em 20 de jul. de 2013.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CASTRO, C. Inventando tradições no Exército brasileiro: José Pessoa e a reforma da Escola Militar. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, 1994, p.231-240. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1986> Acesso em 8 de outubro de 2013.

FREIRE, Manuel Wagner de Araújo. *A participação do 20º contingente do Batalhão Suez na Guerra dos Seis Dias*.. Disponível em: <http://www.batalhaosuez.com.br> Acesso em 28 nov. 2003

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

IABEL, Edison. Ao Pracinha Tombado da UNEF.1. In: **Homenagens Póstumas. 20º Contingente** - Cabo Carlos Adalberto Ilha de Macedo. Disponível em <http://www.batalhaosuez.com.br/homPostCarlosAlbertoIlhaDeMacedo.htm> Acesso em 8 de setembro de 2013.

LANNES, Suellen Borges de. **Batalhão Suez**: uma autonomia possível? Disponível em <http://www.geocities.ws/politicausp/relacoesinternacionais/ques/Lannes.pdf> Acesso em 10 de agosto de 2013.

LEGOFF, Jack. Documento Monumento. In: **História e memória**. São Paulo: UNICAMP, 1996. p.535-569.

LEITE, Abel José Santos. 50 Anos Depois, a Guerra do Suez no contexto das Guerras Israelo-Árabes. **Revista Nação & Defesa**. Verão 2007. n. 117 - 3.ª Série. p. 7-34. Disponível em

http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/1219/1/NeD117_AbelJoseSantosLeite.pdf

Acesso em 5 de setembro de 2013.

LOPES, Fabiano Luis Bueno. **Batalhão Suez: História, memória e representação coletiva (1956-2000)**. 2005. Curitiba. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciência Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, 2005. 101 f. Disponível em http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/5945/FABIANO_LUIS_BUENO_LOPES.pdf?sequence=1 Acesso em 12 de maio de 2013.

_____. **Batalhão Suez – Força de Paz da ONU: memória e história militar**. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005. Disponível em <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0348.pdf> Acesso em 5 de jul de 2013.

_____. **As associações dos veteranos de Suez**. Disponível em <http://www.batalhaosuez.com.br/AssocsBtlSuezVeteranosDeSuez.htm> Acesso em 10 de ago de 2013.

_____. **Participação brasileira em forças de paz internacionais: a questão da memória e a psico-sociologia dos grupos sociais**. Disponível em: <http://www.arqanalagoa.ufscar.br/abed/integra/fabiano%20lopes,%2014-08-07.pdf> Acesso em 15 de jun de 2013.

MACEDO, Ranielle Cavalcante de. **História, memória e espaços: experiências dos ex-combatentes de Parelhas-RN na defesa do litoral brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial**. Natal. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2009. p.117. Disponível em http://bdtd.bczm.ufrn.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2937 Acesso em 5 de out de 2013.

MORAES, Marieta de Moraes (org). **História Oral e Multidisciplinariedade**. Ed. Diadorim. Rio de Janeiro. 1994.

MOUTINHO, Mácio Canova. A construção do objecto museológico. In: **Cadernos de Sociomuseologia**, n.4. Lisboa: ULHT, 1994. Disponível em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/244/153>
Acesso em 13 de out de 2013.

NASS, Sirlei de Fátima. **Legião paranaense do expedicionário**: indagações sobre a reintegração social dos febianos paranaenses (1943-1951). Curitiba. Dissertação (Mestrado em História) Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná, 2005. Disponível em <http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2005/Sirleidefatimanass.pdf> Acesso em 5 de out de 2013.

NORA, Pierre. **Entre a Memória e a História. A Problemática dos Lugares**. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História, nº 10, Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP, São Paulo - SP: Editora EDUC, 1993. Disponível em <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf> Acesso em 14 de out de 2013.

OLIVEIRA, Dennison de & LOPES, Fabiano Luis Bueno. **Veteranos Brasileiros do Mediterrâneo**: a Força Expedicionária Brasileira (1944-45) e o Batalhão Suez (1956-1967). Revista Diálogos Mediterrânicos. n.3 – nov./2012. Disponível em: <http://www.dialogosmediterraneos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/54/48>
Acesso em 12 de maio de 2013.

PELEGRINI, Sandra C. A. O patrimônio e a materialização das memórias individuais e coletivas. **Revista Patrimônio e Memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.1, 2007. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/33/459> Acesso em 3 de set de 2013.

PINSKY, Jaime. **História da cidadania**. Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky (orgs.). 2.ed. São Paulo. Contexto. 2003.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200-2012. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1941> Acesso em 5 de jun de 2013.

_____. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3-15. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2278/1417> Acesso em 2 de jun de 2013.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Proj. História**, São Paulo, (14), fev. 1997. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11233/8240> Acesso em 11 de jun de 2013.

_____. O massacre de civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum, In: Amado, J. & Ferreira, Marieta de Moraes (coordenadoras). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SCIREA, Bruna. **Associação busca verba para construir monumento em Porto Alegre**. Zero Hora. Porto Alegre. 21 de ago. 2012. Disponível em <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2012/08/associacao-busca-verba-para-construir-monumento-em-porto-alegre-3860130.html> Acesso em 16 de ago de 2013.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva. São Paulo. Contexto. 2005.

SOARES, Jurandir. **Israel x Palestina: as raízes do ódio**. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.

SOLDADOS DA PAZ. Órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira dos Integrantes do Batalhão Suez. Porto Alegre: Ano 2, jun. 2004.

THOMSON, Alistain. Reconstituo a mem6ria: quest6es sobre a rela76o entre Hist6ria Oral e as mem6rias. In: **Projeto Hist6ria**, S6o Paulo: PUC-SP. n.15.abr.1997. Dispon6vel em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11216/8224> Acesso em 21 de ago de 2013.

VIEIRA, Liszt. **Identidade e Globaliza76o**: Impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural. Liszt Vieira (org.). Rio de Janeiro. Ed. Record. 2009.

ZANATTA, Joel. **“Em defesa da Paz”**: a crise do canal e a participa76o do Batalh6o Suez e seus contingentes ga6chos a servi76o da ONU no Oriente M6dio (1957-1967). Revista da Gradua76o Vol. 6. n.01. out. 2013. ISSN 1983-1374 Dispon6vel em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/13784> Acesso em 17 de out de 2013.

DEPOIMENTOS:

Alfredo dos Santos Filho. Entrevista. Porto Alegre, 22 de out. de 2013.

Am6ncio Aranha Pinto Dias. Entrevista. Porto Alegre, 22 de out. de 2013.

Wilton Mello Garcia. Entrevista. Porto Alegre, 20 maio de 2013.

ANEXOS

ANEXO A

LEI DE CRIAÇÃO DO BATALHÃO SUEZ (III/2º RI) PELO GOVERNO BRASILEIRO

Faço saber que o Congresso Nacional aprovou, nos termos do Art. 86, item III, da Constituição Federal, combinado com a Lei n.º 2.953, do dia 17 de novembro de 1956, e eu promulgo o seguinte:

DECRETO LEGISLATIVO N.º 61, DE 1956.

Autoriza o Presidente da República a contribuir com um contingente militar para formação ou integração da Força Internacional de Emergência, e dá outras providências.

Art. 1º - É o Presidente da República autorizado a tomar as medidas necessárias para que o Brasil contribua com um contingente militar do valor de um Batalhão independente, para a formação ou integração da Força Internacional de Emergência, instituída em consequência da Resolução da Assembléia Geral das Nações Unidas, de 7 de novembro de 1956, com o objetivo de manter a paz e a segurança internacional na região compreendida entre o Canal de Suez e a Linha de Armistício entre Israel e o Egito fixada na mesma Resolução.

Art. 2º - O Contingente brasileiro que integrar a Força Internacional de Emergência, em operação no Egito, não participará de qualquer ação que signifique a homologação de conquista territorial obtida com uso da força e permanecerá no Oriente Médio o tempo que for julgado necessário ao cumprimento de sua missão.

Art. 3º - O Brasil não formará ou integrará a Força Internacional de Emergência se da mesma participarem tropas de qualquer das nações envolvidas nas operações militares do Egito.

Art. 4º - O Governo Brasileiro não determinará medidas de restrição à liberdade de opinião, relacionadas com informações e comentários de imprensa e rádio, em torno do contingente militar que se incorporar à Força Internacional de Emergência.

Art. 5º - É também autorizado o Presidente da República a permitir o trânsito pelo território nacional, de contingentes militares integrantes da Força Internacional de Emergência, que se destinem à região a que se refere o Artigo 1º, em cumprimento de deliberação da Organização das Nações Unidas, ou que dali regressem, depois de executá-la.

Art. 6º - Esse Decreto Legislativo entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Senado Federal, em 22 de novembro de 1956.

Assinado: APOLÔNIO SALLES

Vice-presidente do Senado Federal, no exercício da Presidência.

Fonte: Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleg/1950-1959/decretolegislativo-61-22-novembro-1956-350654-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em 23 de maio de 2013.

ANEXO B

Mapa da região no Oriente Médio em que a UNEF I atuou.



Fonte: <http://www.batalhaosuez.com.br/mapas4.htm> Grifos meus.

No mapa acima podemos identificar à localidade RAFAH onde estava base militar brasileira, a esquerda do Mapa grifado em vermelho, o trajeto em azul é onde estava demarcada a ADL escrito em Inglês "1950 ARMISTICE LINE". A partir de relatos disponíveis no site do Batalhão Suez os brasileiros prestavam serviço nas proximidades onde está circulado no mapa próximo ao acampamento brasileiro.

ANEXO C

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE

LEI N° 6376

Denomina Praça Batalhão Suez um
logradouro público.

O PREFEITO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE

Faço saber que a Câmara Municipal de Porto Alegre aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica denominada Praça Batalhão Suez a atual praça sem nome, localizada entre a Av. Loureiro da Silva e a Rua Antônio Klinger Filho, Bairro Centro.

Parágrafo único – As placas denominativas conterão, abaixo do nome, os seguintes dizeres: Contingentes de militares brasileiros, integrados à ONU, em missão de paz no Oriente Médio.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 20 de janeiro de 1989.

Olívio Dutra
Prefeito

Newton Burmeister,
Secretário Municipal de Obras e Viação

Registre-se e publique-se

Jorge Santos Buchabqui,
Secretário do Governo Municipal
Respondendo.

Fonte: Arquivo da ABIBS/RS.

ANEXO D

Lei Municipal de Porto Alegre criando o Monumento Batalhão Suez:

Lei 10576/08 | Lei nº 10576 de 10 de novembro de 2008 de Porto Alegre

INSTITUI O MONUMENTO BATALHÃO SUEZ,
EM HOMENAGEM AOS INTEGRANTES DO 5º,
DO 13º E DO 20º CONTINGENTES DO
BATALHÃO SUEZ.

O PREFEITO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE.

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica instituído o Monumento Batalhão Suez em homenagem aos integrantes do 5º, do 13º e do 20º Contingentes do Batalhão Suez, formados por soldados gaúchos.

§ 1º O Monumento Batalhão Suez terá a forma de pirâmide, será construído em concreto, fixado ao solo com o mesmo material, conforme croqui em anexo, e instalado na parte central da Praça Batalhão Suez, no Bairro Praia de Belas.

§ 2º Uma das faces do Monumento Batalhão Suez conterá uma foto do Canal de Suez e uma imagem simbolizando o soldado brasileiro, e cada uma das demais faces conterá o Brasão de Armas do Exército Brasileiro e, dentro do desenho de um triângulo, a relação de nomes dos soldados de um dos três Contingentes relacionados no "caput" deste artigo.

Art.2º - Os recursos para a construção e para a manutenção do Monumento de que trata esta Lei serão angariados pela Associação Brasileira de Integrantes do Batalhão Suez do Estado do Rio Grande do Sul, por meio de parcerias.

Art. 3º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 10 de novembro de 2008.

ELISEU SANTOS
Prefeito, em exercício

MIGUEL WEDY
Secretário Municipal do Meio Ambiente
CLÓVIS MAGALHÃES 95

Secretário Municipal de Gestão e Acompanhamento Estratégico ANEXO À LEI
Nº10.576.

PIRÂMIDE DE QUATRO LADOS:

FRENTE: Foto do Canal de Suez e imagem simbolizando o soldado brasileiro.

LATERAIS: Brasão de Armas do Exército Brasileiro e, em cada face, um triângulo com
relação dos nomes dos componentes de um dos três Contingentes.

Fonte: Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/500283/lei-10576-08-portoalegre-rs>.
Acesso em 5 jun. 2013.